



AS EXPRESSÕES DO RACISMO NA SOCIEDADE BRASILEIRA: POSICIONAMENTOS DE ESTUDANTES DE LICENCIATURA EM BIOLOGIA

Isabela Santos Correia Rosa ¹
Rosiléia Oliveira de Almeida ²

RESUMO

O racismo tem duas componentes principais, a saber, uma social e outra cognitiva. Considerando que muitas formas do racismo são discursivas - expressas, difundidas e confirmadas por textos e conversas - o discurso antirracista é uma prática importante, e precisa ser aprendido, principalmente por meio da linguagem oral e escrita. Este artigo tem como objetivo analisar, no contexto de interações discursivas, como estudantes de licenciatura em Biologia opinam sobre as expressões do racismo na sociedade brasileira. O estudo caracteriza-se como uma pesquisa exploratória, de natureza qualitativa. Para tanto, realizamos gravações em vídeo e em áudio de uma disciplina de ensino de Genética, de natureza optativa, com carga horária de 60 horas, ministrada pela primeira autora deste artigo. Os registros das aulas foram assistidos, sendo selecionados, para transcrição, episódios comunicativos de interações discursivas relevantes para o objeto deste estudo. A análise dos dados foi realizada em uma abordagem sociocognitiva do discurso, que se baseia na premissa de que textos não possuem significados próprios, mas, sim, atribuídos por meio dos processos sociocognitivos daqueles/as que usam a linguagem. Na nossa análise, observamos aspectos da teoria sociocognitiva do discurso, no que se refere à influência dos conhecimentos gerais, oportunidade de debates, experiências pessoais e representações mentais, no posicionamento dos/as participantes, que, de modo geral, foram apresentados de maneira individual, explícita e com baixo grau de compromisso. Em suma, as opiniões compartilhadas contribuíram para colocar em questão experiências, valores e ideologias, que estão em constante transformação na construção dos nossos modelos mentais. Por fim, uma perspectiva crítica no processo de formação de professores/as em Biologia, por meio de debates acerca das expressões do racismo, contribuiu para que os/as futuros/as professores/as desenvolvessem identidades e construíssem discursos comprometidos com a educação para a diversidade cultural.

Palavras-chave: Discurso, racismo, licenciatura, Biologia.

¹ Professora do Departamento de Biologia, da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Aracaju, SE, Brasil. E-mail: isabelarosa@academico.ufs.br;

² Professora da Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador, BA, Brasil. E-mail: roalmeida@ufba.br.





INTRODUÇÃO

O racismo tem duas componentes principais, a saber, uma social e outra cognitiva. A componente social do racismo consiste em práticas discriminatórias cotidianas, no micronível de análise; e organizações, instituições, arranjos legais e outras estruturas sociais, no nível macro. Como os discursos são práticas sociais, o discurso racista pertence a essa dimensão social do racismo. Por outro lado, as práticas sociais também têm uma dimensão cognitiva, ou seja, as crenças que as pessoas têm, como conhecimentos, atitudes, ideologias, normas e valores (Van Dijk, 2000). Considerando que muitas formas do racismo são discursivas - expressas, difundidas e confirmadas por textos e conversas - o discurso antirracista é uma prática importante, pois também é a maneira como as cognições antirracistas estão sendo adquiridas e reproduzidas (Van Dijk, 2016). De fato, o antirracismo precisa ser aprendido - principalmente pelo texto e pela conversa.

Assim, em vez de preservar uma tradição monocultural, a partir da homogeneização e da padronização cultural, a escola está sendo convidada a lidar com a diversidade de culturas, ao passo que problematiza as relações de poder entre os diferentes sujeitos socioculturais presentes em seu contexto e abre espaços para a manifestação e valorização das diferenças (Moreira; Candau, 2003). Ainda segundo os/as autores/as, se a escola ignora as manifestações de preconceito e discriminação presentes no seu cotidiano, estará a serviço da reprodução de padrões de conduta reforçadores dos processos discriminadores presentes na sociedade. Precisamos, pois, questionar tudo que se passa de forma naturalizada e, a partir disso, entender o nosso papel na transformação social. Para tanto, Moreira (2001) orienta uma abordagem que desestabilize a lógica eurocêntrica, cristã, masculina, branca e heterossexual que tem predominado na nossa sociedade, a fim de contribuir com a humanização do mundo. Todavia, para que essas discussões sejam consideradas na educação, é preciso rever a formação de professores/as, que deve considerar, entre os aspectos socioculturais, as expressões do racismo na sociedade brasileira.

Uma formação guiada nessa perspectiva pode possibilitar aos/às professores/as mobilizar um conjunto de conhecimentos, para lidar com os desafios presentes tanto no cotidiano escolar quanto na sala de aula, no que diz respeito aos problemas de desigualdade, preconceito e discriminação. Esses conhecimentos, provenientes do discurso ou das





experiências vividas, formam o repertório profissional dos/as professores/as. A ampliação desse repertório, por sua vez, habilita os/as professores/as a atuar, com mais destreza, em uma infinidade de situações na sala de aula, adaptando as suas práticas a situações que sempre se renovam.

Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar, no contexto de interações discursivas, como estudantes de licenciatura em Biologia opinam sobre as expressões do racismo na sociedade brasileira.

O estudo caracterizou-se como uma pesquisa exploratória, de natureza qualitativa e, foi realizado com professores/as de Biologia em formação inicial, da Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, Sergipe, Brasil, no contexto de uma disciplina de ensino de Genética, de natureza optativa, com carga horária de 60 horas, ministrada pela primeira autora do presente artigo. A disciplina suscitou discussões sobre a lógica eurocêntrica de produção de conhecimento e de seu ensino e sobre questões referentes às diferenças étnico-raciais, ao passo que promoveu discussões de conteúdos de Genética. Todas as aulas da referida disciplina foram registradas em vídeo e em áudio. Os registros das gravações das aulas foram assistidos, sendo selecionados para transcrição episódios comunicativos de interações discursivas relevantes para o objeto deste estudo.

A análise dos dados foi conduzida tendo por referência os estudos do discurso críticos, na perspectiva da análise sociocognitiva do discurso proposta por Van Dijk (2001). O autor relaciona estruturas do discurso com interação social por meio de uma interface sociocognitiva, baseado no argumento de que estruturas discursivas e sociais diferem quanto à natureza e não podem ser diretamente relacionadas. Considerando os aspectos teóricos e metodológicos da análise sociocognitiva do discurso, destacamos quatro categorias analíticas: 1. Quanto à expressão do posicionamento ideológico (opinião e/ou atitude); 2. Quanto à formulação da opinião (explícita ou implicitamente); 3. Quanto ao grau de compromisso assumido ao opinar (seguro ou inseguro); 4. Quanto ao/s recurso/s discursivo/s para desenvolver uma opinião (modalidade doxástica, intertextualidade e/ou argumentação).

DESENVOLVIMENTO

A partir de uma interface entre discurso, cognição e sociedade, estabelecida nos estudos de Van Dijk, o autor explicita como certos modelos mentais e cognições sociais são responsáveis por fenômenos sociais como o racismo, por exemplo, na medida em que este não é inato, mas aprendido, sobretudo por meio dos discursos públicos (Van Dijk, 2008).





Considerando o componente social do racismo, apresentaremos a seguir turnos de fala, relacionados ao episódio discursivo, no qual os/as participantes se posicionam sobre as expressões do racismo na sociedade brasileira:

Turno 16. Carol: Eu acho que todos somos, porque... fomos criados num padrão que nos faz ser racistas de forma consciente ou inconsciente, vai depender... do que a pessoa quer escolher. Vamos supor, tem ditados que a gente acha que são coisas, tipo... humor negro, hoje é dia de branco, ah... coisa de preto ou coisa de... são atitudes racistas mas que pra gente, foram... passadas como normal no cotidiano, que a gente podia utilizar, como se fosse algo normal. Então, para mim, todos somos aqui: porque... às vezes, vamos supor, a gente diz que não é, mas não apoia as cotas, porque diz que isso, é... não tá... não tá valorizando, ou que isso tá, vamos supor, colocando um grupo à frente dos demais, então, eu acho que, infelizmente, é necessário que a gente seja sensibilizado pra poder desconstruir o que foi criado como padrão por nós.

Turno 17. Jhoserd: Eu acho que é um racismo estrutural, assim... vai para além de uma atitude pontual, assim, que envolve toda estrutura social, da sociedade... já tá enraizado, assim, sabe?

Carol (Turno 16) expressa sua opinião em nível individual, de forma explícita “*Eu acho que todos somos*”. O marcador “*Eu acho*” utilizado por Carol tem uma conotação de insegurança, além de ser uma estrutura lexical importante para evitar a imposição discursiva num ambiente onde diferentes opiniões são mobilizadas. A explicação da participante para defender a opinião apresentada é justificada em nível estrutural “*porque... fomos criados num padrão que nos faz ser racistas de forma consciente ou inconsciente*”. Ressaltamos que, ao se colocar como membro do grupo de racistas, Carol diminui o peso da sua asserção. A dimensão consciente do racismo, destacada por Carol, pode estar relacionada com o componente social do racismo, que consiste em práticas discriminatórias cotidianas, enquanto a dimensão inconsciente pode estar envolvida com o componente cognitivo do racismo, ou seja, as crenças que as pessoas têm, como conhecimentos, atitudes, ideologias, normas e valores, muitas vezes aprendidas por meio do discurso (Van Dijk, 2000).

Todavia, o discurso de Carol se apresenta controverso na fala seguinte “*vai depender... do que a pessoa quer escolher*”. Ora, se a escolha é pessoal, o componente “*inconsciente*” se anula, e cada um é individualmente responsabilizado por suas ações racistas. Para levar sua discussão ao campo concreto, a participante apresenta exemplos de práticas racistas comumente naturalizadas na nossa sociedade, e cita o desacordo em relação à política de cotas como um desses exemplos, o que gerou um intenso debate, publicado em um artigo à parte (Rosa; Almeida, 2020).

A opinião final de Carol (Turno 16) “*eu acho que, infelizmente, é necessário que a gente seja sensibilizado pra poder desconstruir o que foi criado como padrão por nós*”, marcado pela expressão individual e com grau de insegurança no compromisso com o que





fala, volta a apresentar uma formulação do racismo em nível social “*criado como padrão por nós*”. Esse posicionamento leva Jhoserd (Turno 17) a se manifestar “*Eu acho que é um racismo estrutural*”. Embora Jhoserd utilize um marcador individual “*Eu acho*”, que pressupõe uma opinião, podemos dizer que a assertiva “*racismo estrutural*” se refere a um conhecimento, ou seja, a uma crença objetiva, sustentada por estudos históricos, sociológicos e antropológicos, que formam uma comunidade epistêmica. Todavia, por não haver consenso entre os estudiosos, podemos dizer que essa afirmação, que é considerada conhecimento compartilhado por um grupo ideológico antirracista, também pode ser considerada opinião, por outros grupos, que formam outra comunidade epistêmica. Van Dijk (2016, p. 140) ressalta que “na prática, não é tão simples distinguir entre conhecimento e opinião”³.

Quando Jhoserd fala que o racismo é estrutural (Turno 17), ele manifesta sua indignação ao nosso passado colonial, de modo que explica nossa situação de extrema desigualdade racial a partir de uma visão histórica, indicando um modelo mental sociocognitivo consciente dos fatos históricos do Brasil colônia. De acordo com Pinheiro (2010), essa perspectiva é de natureza analítica e busca na história as condições que culminaram na situação atual e as possibilidades de desdobramentos que possam ter futuramente. Perceber o quão institucional e estruturante é o racismo da nossa sociedade corresponde a um primeiro passo necessário, por isso a importância de problematizar as identidades coletivas marginalizadas, destacando o protagonismo e a resistência de grupos culturais subalternizados historicamente. Igualmente relevante é analisar a influência da ciência ocidental moderna na reprodução de discriminações, a partir da construção do conceito biológico de raça, prática que configura o racismo científico. Apresentaremos alguns turnos de fala sobre essa discussão:

Turno 29. João: Não. Eu acho que... pelo que eu vi esse questionamento em Evolução... ((inaudível)) e um dos textos vai falar sobre os genes que vão definir essas características nos humanos e em outros animais, que nos outros animais são muito maiores e no ser humano é muito pequeno. E por causa dessa pequenitude a gente não pode, é... considerar como raças, assim, porque é muito pequeno... aí no texto, Munanga diz que menos de 1% dos nossos genes determinam a cor da pele.

Turno 32. Amanda: Eu acho que assim... essa questão de tentar padronizar todas as pessoas, tentar deixar todo mundo igual que é o problema, a gente tem que respeitar a particularidade de cada pessoa, mas isso não significa que alguém é superior, alguém é inferior, sabe? Entender que existem diferenças sem hierarquizar. Essa diferença é melhor só que essa, eu acho...

Turno 34. Arizona: Professora, aqui no texto diz que o começo do termo raça foi pra classificação da zoologia, né? Só foi criada pra saber a diferença dos animais, e eu acho que na raça humana... Não! Na raça humana, lá vai eu... é... pra gente não precisa disso: Ter uma classificação pra saber quem é quem e aquilo... Não! Só pra os animais e a botânica.

³ Tradução nossa, do original: “[...] en la práctica no resulta tan sencillo distinguir entre conocimiento y opinión” (Van Dijk, 2016, p. 140).





Turno 36. João: Eu gostei da interpretação de Munanga e tudo que ele fala... a maioria das coisas que ele fala eu assino embaixo. Mas, eu gosto da maneira como ele traz a questão, sabe? Se... se a gente resumir raça à questão sócio-política pra esse debate

((Inaudível)), porque é como é mais fácil de se compreender e se fazer o debate, é... eu acho que vale a pena ter ((Inaudível))... falando isso: Olhe! Esse conceito, biologicamente, né? Ele não dá pra existir, não rola! Tipo, o que a gente assume de verdade dentro da biologia, essas questões... mas, como um conceito sócio-político, acho que rola sim!

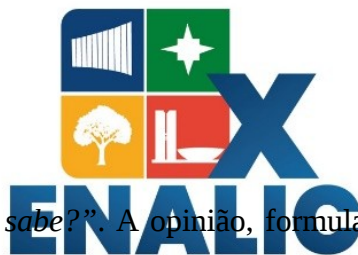
Turno 37. Maria: É isso que eu ia falar, lembrando da aula de gene, né? Falar de raça depende do contexto!

Turno 43. Bruno: O próprio texto fala que cientificamente não é justificado, mas a gente utiliza o termo de forma a segregar os grupos, para hierarquizar branco à frente do índio, preto. Então, não existe mais cientificamente, raça pra algumas pessoas, né? Mas, ainda é utilizado pra essa questão mais social. Do branco, preto, índio... do aborígene...

O racismo científico diz respeito a práticas e discursos da ciência ocidental moderna que estiveram/estão envolvidos na determinação de padrões excludentes e em processos de segregação de grupos humanos, com base na categoria raça (Arteaga, 2007). Discutimos como o conceito biológico de raça humana caiu em desuso e voltou ao uso como marcação política. Nesse ínterim, os/as participantes apresentaram suas opiniões sobre a possível aplicação do conceito de raça humana. João (Turno 29) manifesta uma opinião explícita, na qual nega a existência de raças humanas. Para explicar seu ponto de vista, ele recorre à intertextualidade, expressando de forma individual e insegura (Eu acho que), um relato de experiência de discurso em uma disciplina da graduação “*eu vi esse questionamento em Evolução...*” e relata especificamente um texto de leitura indicada na nossa disciplina “*aí no texto, Munanga diz que menos de 1% dos nossos genes determinam a cor da pele*”. A experiência na disciplina de Evolução e o texto de leitura indicada na nossa disciplina são incluídos na articulação do discurso de João para defender seu argumento de que o conceito biológico de raça humana deve ser desconstruído, tendo em vista que o número de genes implicados na transmissão da cor da pele, dos olhos e cabelos é muito pequeno “*por causa dessa pequenitude a gente não pode, é... considerar como raças*”.

Todavia, embora muitos geneticistas argumentem que a distinção entre raças não tenha fundamento biológico, isto não é suficiente para extinguir o que culturalmente foi construído ao longo de séculos, pois as raças fictícias estão no subconsciente coletivo (Munanga, 2013). Trata-se de um conceito que tem um perfil sócio-histórico-cultural construído no contexto da colonização, com a dominação europeia. Na opinião de Amanda (Turno 32) “*Eu acho que assim... essa questão de tentar padronizar todas as pessoas, tentar deixar todo mundo igual que é o problema*”, a participante defende a percepção das diferenças sem hierarquizações “*a gente tem que respeitar a particularidade de cada pessoa, mas isso não significa que alguém*





é superior, alguém é inferior, sabe?”. A opinião, formulada em nível individual e inseguro, expressa também uma atitude social, ao afirmar que *“a gente tem que respeitar”*, usando a pergunta retórica ao final da frase *“sabe?”* para dar ênfase ao que deseja anunciar, sugerindo uma afirmação.

Continuando a problematização das implicações do conceito de raça humana na nossa sociedade, Arizona (Turno 34) utiliza o recurso discursivo da intertextualidade para defender sua opinião, fazendo referência também ao texto de leitura indicada na disciplina *“aqui no texto diz que o começo do termo raça foi pra classificação da zoologia, né?”* Ela tem um posicionamento seguro e explícito de que o conceito biológico de raça humana não deve ser aplicado *“Não! Só pra os animais e a botânica”*. Todavia, na articulação do seu discurso, ela utiliza o termo “raça humana” e imediatamente se reprime *“eu acho que na raça humana... Não! Na raça humana, lá vai eu... é... pra gente não precisa disso”*. Essa manifestação espontânea da utilização do termo “raça humana” mostra como essa ideia está imbricada nos nossos modelos mentais.

A representação social da ideia de raça humana vem sendo construída ao longo de séculos e, por isso, argumentamos que não podemos abandonar esse conceito como estratégia de luta antirracista, mas, sim, problematizar sua marcação no campo social, tal como argumenta João (Turno 36), mobilizando uma opinião social e explícita *“Esse conceito, biologicamente, né? Ele não dá pra existir, não rola! Tipo, o que a gente assume de verdade dentro da biologia, essas questões... mas, como um conceito sócio-político, acho que rola sim!”*. É interessante notar o grau de compromisso seguro na opinião quanto a desconstruir o conceito biológico de raça *“Ele não dá pra existir, não rola!”*, enquanto a opinião quanto a manter este conceito em nível sociopolítico apresenta grau de compromisso inseguro, marcado pela presença da modalidade doxástica *“acho que” “como um conceito sócio-político, acho que rola sim!”*.

Destacamos também que o fato de João apresentar as leituras do autor Kabengele Munanga como habituais, incluindo especificamente sua voz na articulação do discurso *“Eu gostei da interpretação de Munanga e tudo que ele fala... a maioria das coisas que ele fala eu assino embaixo”*, pressupõe que, para além do texto sugerido na disciplina, outras leituras da autoria de Munanga foram acessadas por João ao longo de sua trajetória de estudante e/ou de militância no movimento negro do qual faz parte. Kabengele Munanga é um autor de referência na abordagem de temas como racismo, políticas e discursos antirracistas, negritude, identidade negra *versus* identidade nacional, multiculturalismo e educação das relações étnico-raciais. O acesso aos trabalhos desse ilustre pesquisador contribui para a construção de





representações mentais críticas que refletem na articulação dos discursos gerados, tal como podemos perceber nas colocações de João:

Na sequência, Maria (Turno 37) apresenta concordância com a argumentação de João, fazendo referência especificamente ao que aprendeu na aula anterior da disciplina, na qual exploramos diferentes conceitos de gene a partir do contexto de aplicação. Na articulação do seu discurso, Maria aponta de forma segura “*lembrando da aula de gene, né? Falar de raça depende do contexto!*”. Com essa afirmação, a participante deixa implícita a opinião de manter o conceito de raça a depender do contexto, se biológico ou social, mas não se posiciona frente à opinião apresentada anteriormente por João, segundo a qual, embora o conceito biológico de raça deva ser desconstruído, ele pode ser problematizado no contexto social.

Compartilhando com os posicionamentos de Arizona, João e Maria, Bruno inclui especificamente o texto de leitura indicado na disciplina para expressar sua opinião “*O próprio texto fala que cientificamente não é justificado, mas a gente utiliza o termo de forma a segregar os grupos*”. Podemos inferir que a inclusão do texto de autoria de Munanga para expressar opiniões sobre a utilização do termo “raça humana” pressupõe que os/as participantes assumem como verdade os argumentos de autoridade nos textos trabalhados na disciplina, o que nos gera um certo receio. É importante que a construção de opiniões a partir da experiência e/ou do discurso seja confrontada com diferentes ideias, a fim de intensificar e fortalecer argumentos coerentes com os posicionamentos individuais e ações sociais.

Percebemos que os/as professores/as em formação inicial, geralmente, concordavam com as asserções dos/as autores/as de textos indicados para a leitura na disciplina. Assim, a manifestação de diferentes ideias e argumentos foi mais evidenciada quando, nas aulas, emergiam temas socioculturais cuja problematização não era diretamente discutida no texto indicado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização de recursos discursivos, como modalidade doxástica, intertextualidade e argumentação, associados aos princípios da análise sociocognitiva do discurso, foi indispensável à promoção de uma reflexão mais aprofundada, na qual percebemos as influências cognitivas, bem como das experiências individuais e socialmente compartilhadas, na manifestação das representações discursivas.





Considerando o discurso como instrumento de manutenção, reprodução ou transformação das relações de poder, entendemos que as manifestações de racismo na sociedade representam problemas parcialmente discursivos, uma vez que estão relacionadas à naturalização e legitimação de estruturas de poder. Dessa forma, analisar os posicionamentos de professores/as de Biologia em formação inicial, nos discursos relacionados à expressão do racismo na sociedade brasileira, nos permitiu problematizar questões socioculturais importantes para uma educação comprometida com a diversidade.

Na nossa análise, observamos aspectos da teoria sociocognitiva do discurso, no que se refere à influência dos conhecimentos gerais, oportunidade de debates, experiências pessoais e representações mentais, no posicionamento dos/as participantes, que, de modo geral, foram apresentados de maneira individual, explícita e com baixo grau de compromisso.

Em suma, as opiniões compartilhadas nesse processo contribuíram para colocar em questão experiências, valores e ideologias, que estão em constante transformação na construção dos nossos modelos mentais. Por fim, uma perspectiva crítica no processo de formação de professores/as em Biologia, por meio de debates acerca das expressões do racismo, contribui para que os/as futuros/as professores/as desenvolvam identidades e construam discursos comprometidos com a educação para a diversidade cultural.

REFERÊNCIAS

- ARTEAGA, Juanma Sánchez. **La razón salvaje. La lógica del dominio:** tecnociencia, racismo y racionalidad. Madrid: Lengua de Trapo, 2007.
- MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. A recente produção científica sobre currículo e multiculturalismo no Brasil (1995-2000): avanços, desafios e tensões. **Revista Brasileira de Educação**, n. 18, p. 65-81, 2001.
- MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 156-167, 2003.
- MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Palestra** proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais-PENESB-RJ, 2013.
- PINHEIRO, Nadja Ferreira. Cotas na UFBA: Percepções sobre racismo, antirracismo, identidades e fronteiras. 2010. **Dissertação** (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia.
- ROSA, Isabela Santos Correia; ALMEIDA, Rosiléia Oliveira de. Interações Discursivas em Sala de Aula: posicionamentos de estudantes de licenciatura em Biologia sobre a política de cotas raciais no ensino superior brasileiro. **Discurso e Sociedade**, v. 14, n. 2, p. 443-472.
- VAN DIJK, Teun Adrianus. New(s) racism: A discourse analytical approach. In: COTTLE, S. (Ed.). **Ethnic minorities and the media**. Milton Keynes, UK: Open University Press, 2000. p. 33-49.
- VAN DIJK, Teun A. Critical discourse analysis. In: TANNEN, Deborah; SCHIFFRIN, Deborah; HAMILTON, Heidi (Eds.). **Handbook of Discourse Analysis**. Oxford: Blackwell, 2001. p. 352-371.





VAN DIJK, Teun Adrianus. **Discurso e poder**. Karina Falcone e Judith Hoffnagel (Orgs.). São Paulo: Contexto, 2008.

VAN DIJK, Teun Adrianus. **Critical discourse studies**. A sociocognitive approach (new version). In: VAN DIJK, Teun Adrianus. **Discurso y conocimiento – una aproximación sociocognitiva**. Trad. Flávia Limone Reina. Barcelona: Editorial Gedisa, 2016.

